

**MEMÓRIA E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA DIÁSPORA
ARMÊNIA NA ARGENTINA**Silvia Paverchi¹

Resumo: O artigo propõe uma análise da memória e formação da identidade cultural da diáspora armênia que se estabeleceu na Argentina desde 1912 e que teve fluxo intensificado no período pós-genocídio armênio de 1915. Através dos conceitos de nação e nacionalidade presentes no seio desse contingente migratório, buscaremos elementos para compreensão da formação de uma memória cultural imigrante e suas possíveis adaptações ao contexto do país de chegada.

Palavras-chave: Diáspora armênia, Migrações, Identidade cultural, Memória cultural, América Latina.

Introdução:

O presente artigo está dividido em cinco seções. Inicialmente julgamos relevante fazer um breve histórico da formação colonial recente da Argentina, seção 1, para contextualizar seus fluxos migratórios e, a partir daí, focar o grupo armênio, tendo em vista a formação da sua grande diáspora no mundo devido ao genocídio armênio ocorrido em 1915 impetrado pelo Império Turco Otomano, cujo contexto era também o da Primeira Guerra Mundial. Na seção 2 abordamos o fluxo que se estabeleceu na Argentina, principalmente na cidade de Buenos Aires a partir de 1923: a) recepção b) primeiros ofícios c) formação das associações de ajuda mútua, destacando as de cunho religioso e partidário de âmbitos nacionais e internacionais. Na seção 3. Analisamos a manutenção da memória cultural “armênia” a partir da manutenção da língua materna difundida nas escolas e na imprensa Na seção 4. Buscaremos através dessa dita memória cultural, bem como o sentimento de nação e nacionalidade de origem que se fizeram presentes, entender a formação da identidade cultural dessa diáspora, seus processos de adaptação e como eles se traduzem ao contexto platino e sul Americano. Na seção 5, as considerações finais.

1. Argentina: formação colonial recente e fluxos migratórios

Algumas questões básicas sobre a Argentina como país integrante da região conhecida por América Latina são importantes para entender uma formação histórica peculiar, cujo desenvolvimento econômico se viu apoiado desde o período colonial na produção e exportação de bens primários. A partir da segunda metade do século XVI, a

¹ Doutoranda do Programa Interunidades em Integração da América Latina/ Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). E-mail: silviapaverchi@usp.br

América Latina já apontava discrepâncias entre produção e exportação de riquezas em contraste com uma relação de trabalho arcaica; tendo em vista a constituição de núcleos regionais dinâmicos, modernos e de alta produtividade ao lado de áreas gigantescas de produtividade muito baixa e que não geravam renda suficiente para se transformar. Tais fatores que catapultaram o surgimento de profundas desigualdades sociais que em maior ou menor concentração se estenderam por toda em toda a região, persistindo até os dias atuais.²

O processo de colonização dos países da América Latina não foi homogêneo ou mesmo simultâneo. Somente a título de exemplo, o Brasil colônia portuguesa se iniciou praticamente no século XVI com plantio, extração e exportação da cana de açúcar que, por um lado, requeria grandes contingentes de mão de obra, para a qual se deu início ao nefasto tráfico de escravos da África Subsaariana num processo que perdurou cerca de três séculos; por outro lado formava cidades altamente prósperas, com alta concentração de riqueza nas mãos de poucos, como foram os casos de Recife e Olinda dentre outras cidades nordestinas.

Já a Argentina não teve passado colonial tão longo. Até o final do século XVIII era um país muito pobre e de grande vazio demográfico devido ao grande extermínio e deportações das primeiras populações da região, os índios, por colonizadores europeus, principalmente espanhóis, ou ainda, por tribos indígenas rivais cuja prática ancestral vinha sendo mantida desde o período pré-colombiano.. Naquela época metade da população de Buenos Aires era constituída por portugueses e brasileiros que organizavam e faziam contrabando. O grande vazio demográfico e permanente carência de mão de obra foram preenchidos posteriormente, no século XIX, pela chegada de fluxos migratórios de origem predominantemente europeia, de fortes tendências políticas de esquerda e que vinham em busca de riqueza rápida. Era um contingente que não se considerava argentino, mas sim trabalhadores internacionais que defendiam suas nacionalidades prévias.³

A Argentina enriqueceu muito e rapidamente no século XIX. Uma das teses prosperidade é devida ao navio frigorificado para exportação de carne bovina congelada. A região dos pampas, ótima para criação de gado, tornou a economia argentina complementar à Inglaterra e concorrente dos EUA naquele período. Outra tese é explicada pela prosperidade dos centros econômicos, cuja dinâmica tende a rebaixar os salários nas periferias⁴, processo não ocorreu na Argentina porque o país não se

² FURTADO, Celso. A Economia Latino-Americana: formação histórica e problemas contemporâneos. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1978.

³Id

⁴ Tese baseada no modelo de Celso Furtado e da CEPAL.

configurava como subdesenvolvido no século XIX. A escassez de mão de obra aliada a greves frequentes pela capacidade organização dos ditos fluxos migratórios impossibilitavam o rebaixamento de salários. Naquele período foi grande e rápida a prosperidade Buenos Aires, que passou a ter padrão de vida semelhante ao da Europa Ocidental e desde então ficou conhecida como a “Paris das Américas”, posição que manteve até as três primeiras décadas do século XX.

Em 1920 se iniciou um período de declínio econômico do país, com desemprego em massa aliado a continuidade de recebimento de fluxos migratórios durante e, principalmente, após a Primeira Guerra Mundial. Aqui fazemos outro recorte rumo às condições de chegada do contingente de refugiados armênios durante e pós-genocídio de 1915 na Argentina: a falta sistêmica de empregos, de moradia e de alimentos sofrida por esse, dentre outros fluxos de imigrantes, cuja entrada na América do Norte se via barrada, restando o porto de Buenos Aires para desembarque. Ainda, a proporção de chegada desses grupos diversos era muito superior à possibilidade de acolhida, resultando numa total falta de estrutura para recebê-los. Esses, como os turcos e outros grupos do leste europeu e Cáucaso, tinham como primeira alternativa as cidades Buenos Aires e Córdoba, mas ao longo das décadas de 20, 30 e também após, dado ao agravado crescimento da crise econômica no bojo da eclosão da Segunda Guerra Mundial e consequente fechamento do porto platino, foram enviados para o Uruguai e também para o Brasil.

2. Estabelecimento da diáspora armênia na Argentina

A grande diáspora armênia se formou mundialmente em decorrência do Genocídio Armênio de 1915, perpetrado pelo Império Turco Otomano que massacrrou cerca de um milhão e meio de armênios residentes na região da então chamada Armênia Ocidental ou Armênia Turca e que faz parte da geopolítica da atual Turquia. Dos sobreviventes, grandes levas de refugiados se formaram e foram espalhadas pelas várias regiões do mundo, dentre elas a América Latina. Verificando os registros de seus períodos de chegada, bem como a origem geográfica desses fluxos, sabemos que basicamente vieram das cidades Aintab, Marash e Hajin, situadas na província de Adana, na dita Armênia turca. Desde 1912, devido aos massacres de Adana prévios ao grande genocídio, se registra entradas desses grupos via serviço de imigração portuária de Buenos Aires. Um breve espaço compreendido entre 1913 e 1914 houve interrupção da chegada, justificada pelo fechamento dos portos durante o início da Primeira Guerra Mundial, e com força total foi retomada nos anos seguintes. Ainda, registros apontam

que a vinda dessas levas contou com passagens intermediárias pelos portos da França, Grécia e Reino Unido, cuja estada provisória tinha duração média de um ano para que esses refugiados pudessem juntar dinheiro com algum tipo de trabalho e obter documento de viagem⁵ para partir.

E para melhor espelhar essa situação, descrevemos abaixo trecho do romance *Mairik*, de Ashot Malakian, conhecido também por Henry Verneuil. O autor, ainda criança, juntamente com sua família integrou esse vasto contingente de refugiados vitimados pelo genocídio, tendo como destino o porto de Marselha:

“Refugiado de origem armênia’. Estas eram as palavras manuscritas na frente do item ‘ Nacionalidade’, nas carteiras de identidade sanfonadas que tínhamos de retirar na delegacia de polícia”⁶

Malakian ainda completa o grau de dificuldade para obtenção desses documentos, quer para ficar na França, quer para partir para outros lugares.

“Nas vastas salas providas de bancos de madeira, esperávamos dias inteiros que nosso nome, estropiado pela pronúncia francesa e deformado pela escrita, fosse chamado”⁷

As solicitações dos funcionários franceses:

“Quero ver os documentos e a certidão de nascimento. Eu preciso da certidão. Entre em contato com o cartório onde foi registrada.”⁸

E a continuidade da longa peregrinação:

“E ‘o próximo’ encerrava o interrogatório. Seguíamos para outras salas de espera e outros bancos, em busca da inacessível ‘certidão de vida’. Entrar em contato com os nossos cartórios de origem significava pedir aos nossos algozes de ontem que certificassem que estávamos vivos, que escapáramos à certidão de óbito coletiva dos 1.500.000 de armênios que acabavam de ser massacrados.”⁹

Sob o *status* de refugiados, o contingente armênio destinado à América não tinha exatamente o propósito de chegada à Buenos Aires. A América do Norte, especialmente o Estado americano da Califórnia, era o itinerário imaginado, pois já tinha formação consolidada de comunidades da mesma nacionalidade desde o final do século XIX, que migraram por ocasião dos massacres anteriores, conhecidos como “hamidianos”, que ocorreram entre os anos de 1889-1891.

Entretanto, no período da Primeira Guerra Mundial portos americanos foram fechados por tempo indeterminado e o destino possível dos refugiados passou a ser a

⁵ Geralmente o passaporte “Nansen”, documento para refugiados apátridas fornecido pela então Liga das Nações.

⁶ Verneuil, Henri. *Mairig*. Trad. Charles Apovian. Robert Lafont, S.A.:Paris, 1985.P.38

⁷ Op. Cit. p.39

⁸ Id

⁹ ibid

América do Sul, mais especificamente a Argentina e que resultou na grave falta de estrutura mencionada anteriormente para acolhida.

2.a Recepção “armeno-platina” aos novos integrantes da comunidade

Devido às dificuldades de infraestrutura no acolhimento, a chegada dos armênios ao Porto de Buenos Aires era acompanhada e auxiliada pelos próprios integrantes de uma pequena comunidade armeno-platina recém-formada.

Os armênios, assim como turcos e outras nacionalidades da Ásia Menor, não eram considerados imigrantes preferenciais pelo governo argentino. Devido à língua muito diferente e a difícil assimilação do espanhol, não tinham desde o início a possibilidade de acolhida das estalagens preparadas para os imigrantes europeus.

Da comunidade já residente, a cada notícia de chegada de navio, eram destacados alguns integrantes para acompanhar o desembarque dos conterrâneos e auxiliar na delicada tarefa de oferecer abrigo, alimentação e trabalho. A Cruz Vermelha atuou como parceira da comunidade, pedindo inclusive dinheiro à população argentina para evitar a continuidade da situação de penúria dos recém-chegados quando este fluxo atingiu seu ápice, dificultando ajuda dos membros da própria comunidade para recebê-los em suas casas ou mesmo permanecer na estalagem improvisada oferecida por aquela organização. Na ocasião formou-se o chamado “quarteirão armênio”, um grande acampamento improvisado a céu aberto, com refugiados de todas as idades, doenças e fome.

2.b Os primeiros ofícios

De acordo com os *Resúmenes Estadísticos* do Departamento da Imigração argentino os imigrantes oriundos da Ásia Menor: sírios, palestinos e armênios eram especialmente considerados como indesejáveis. Eram referidos como “mercadores ou vendedores de ruas que carregavam suas mercadorias nas costas” e que “sua admissão no país contribuía ainda mais para o aumento do desemprego nas cidades argentinas, particularmente Buenos Aires”.

Era o início da segunda década do século XX, período particularmente adverso e que marcava o princípio do declínio da economia argentina, até então próspera. Devido à falta crônica de empregos, novas medidas para conter a imigração passavam a ser adotadas.

Esses registros históricos, confirmados de certa forma na literatura da diáspora e sobre a diáspora armênia no mundo, em seu lado positivo nos apontam o reconhecimento formal de uma habilidade comercial, aliada às habilidades de confecção e reformas de roupas e sapatos, ofícios esses que vieram a garantir o sustento de grande parte dos integrantes desses grupos fora da região original e também posteriormente prosperidade e ascensão social, conforme registramos a seguir via relatos coletados e também trechos de obras literárias e poemas.

Primeiro, mencionamos a história de Artin Djordjalian. Em 1926, aos 16 anos chegou à Buenos Aires: Ele, juntamente com o pai, precisava ganhar o sustento para pagar o aluguel de pequeno cubículo providenciado com a ajuda da comunidade armênia:

“Eu ia de porta em porta pedindo emprego (...) eu tinha um pequeno folheto em mãos com frases do armênio para o espanhol (...) mas eu fazia gestos e tentava dizer que eu era alfaiate na Europa (...) um dia disse a meu pai que se não conseguisse trabalho, não voltaria mais para casa (...) fiz uma jaqueta e sai mostrando na rua, era melhor que tentar falar (...) um senhor gostou do trabalho e disse que eu voltasse no dia seguinte, mas eu não compreendia o espanhol e achei que ele tinha me dado uma resposta negativa (...) no dia seguinte ele apareceu na porta de casa com um cesto cheio de tecidos e encomendou várias jaquetas (...) eu e meu pai quase caímos pra traz de tanta alegria., finalmente tínhamos trabalho!” (tradução minha)¹⁰

No romance *Mairig*, em situação semelhante, a mãe e duas tias de Malakian ao receber a primeira encomenda e trabalhar na confecção de uma camisa:

“Estando cada peça em seu lugar, tia Ana apanhou uma grande tesoura, as lâminas afiadas afastaram-se girando em torno do eixo. Mairig e Kaiané verificaram se nenhum molde havia escapado a sua vigilância. Então houve um grande silêncio e o instrumento, num rangido, mordeu gulosamente o tecido. Comprador desconhecido dessa camisa toda ‘feita à mão’, você nunca saberá como aquela noite foi longa para as três costureirinhas atarefadas (...). Da amostra até a camisa feita, o teste fora concludente. A partir daí, todos os tecidos do mundo, crepe da China, seda do Japão, voal, lã ou cambraias de Oxford, percal ou popelina, sucederam-se nessa fabriqueta que poderia ser chamada ‘A felicidade dos homens’”¹¹

Sobre os calçados, além dos registros de indivíduos que iam de porta em porta oferecendo pequenos reparos, até a abertura das pequenas sapatarias no início de 1930, acrescentamos o poema de Raquel Naveira extraído de seu livro *Sob os cedros do Senhor*. Embora não pertencente à diáspora armênia, a autora descreve com grande sensibilidade os hábitos dos grupos de imigrantes libaneses, turcos e armênios estabelecidos na região de Aquidauana, pertencente ao atual Estado de Mato Grosso do Sul.

¹⁰ HERIMIAN, Kim. Armenian Immigration to Argentina: 1909-1938. *ARMENIAN REVIEW, SPRING 1990, Volume 43, Number 11169, p. 93-94*

¹¹ Verneuil, Henry. Op.cit. p.37-38

“Rei dos Calçados

Armênio
Deportado para a Grécia,
Trabalhei em lavouras de fumo,
Tomei outro rumo,
Um país,
Uma cidade do oeste,
Boa praça para comércio;
Meu ramo: calçados,
Que eu mesmo fabrico
Com couro e cola,
Ponho na charrete e sumo
Pelas bandas de Aquidauana e Bela Vista.
Enquanto não tiver loja na 14,
Com letreiro e monopólio,
Não sossego,
Não durmo.”¹²

Há lendas que atribuem o pioneirismo armênio na invenção de calçados, o que pode ser verídico pela necessidade de trânsito na íngreme região da Anatólia que se estende até as planícies do Cáucaso aliada aos drásticos fatores climáticos: temperaturas acima de 44°C no verão - 20°C no inverno ainda registradas naquela porção da Ásia Menor.

2.c Formação das associações de ajuda mútua

Também no início de 1930, estruturadas associações de ajuda mútua vieram a se consolidar no seio da comunidade armênia na Argentina. Destacamos aqui as de cunho religioso organizadas pela União Armênia de Beneficência (UGAB) e partidário, principalmente o partido militante da diáspora Dashnag, ambos de âmbito nacional e internacional, responsáveis por congregar as comunidades da diáspora em todo o mundo.

Apesar das grandes divergências, tanto religiosas como políticas, que envolveram os grupos dessa comunidade platina, podemos dizer que a UGAB e o Dashnag foram responsáveis pela criação e funcionamento de escolas armênias em Buenos Aires, cujo foco principal era o ensino da língua armênia para as crianças. Tendo sido criada a primeira em 1928, nas dependências da igreja apostólica Armênia, Surp Khach, no bairro de Flores, foi notável o número delas que rapidamente se proliferou na área central e periferia daquela cidade, chegando a somar sete escolas em 1931 e quinze em 1934.

Dados atuais consultados recentemente nos sites da UGAB no mundo nos mostram a existência de três escolas armênias em funcionamento na cidade de Buenos

¹² Naveira, Raquel. Sob os cedros do Senhor. Scortecci: São Paulo, 1994. p.45

Aires, todas contam com ensino bilíngue espanhol-armênio. Em Montevideu, duas escolas em funcionamento e uma em São Paulo, situada na região do Bom Retiro, mantida pela Igreja Apostólica Armênia.

O contínuo exercício da língua materna via bom numero de escolas em Buenos Aires, aliado as organizações partidárias da diáspora como o Dashnag favoreceu também o desenvolvimento de uma imprensa armênia da diáspora platina que se iniciou até mesmo antes da fundação das escolas. Em 1923, juntamente com o pequeno manual de frases em armênio-espanhol para auxiliar os recém-chegados na comunicação local, se registra a primeira publicação intitulada *Arjantinian Mamul* (Imprensa Argentina); entre 1925-1931 passou a ser em formato tabloide de periodicidade semanal. O periódico *Armenia* foi publicado a partir de 1931, com edições semanais até 1936, duas edições por semana até 1954 e daí por diante passou a ser de tiragem diária. Todas as edições desses periódicos foram publicadas exclusivamente em armênio. Somente a partir de 1967 o *Armenia* passou a ter um suplemento semanal em espanhol.¹³

Esses dados nos induzem a ratificar as observações de Homi Bahba acerca das diásporas em geral quanto à retenção de “uma memória coletiva” considerando que “talvez nunca venham a ser totalmente aceitos nas suas sociedades de acolhimento e, assim, permanecem parcialmente isolados”¹⁴. O surgimento de uma imprensa armênia em Buenos Aires, ao mesmo tempo em que auferiu e divulgou um poder diaspórico de âmbito internacional já conquistado pelo Dashnag e pela UGAB, também isola esse grupo no âmbito local, constituindo por assim dizer “os caroços de um caldo cultural não completamente assimilável”¹⁵.

Bahba ainda observa que “diásporas sublimam seu ‘lar’ ancestral e imaginam que “quando surgirem condições favoráveis eles ou seus descendentes vão retornar”¹⁶, motivo pelo qual a manutenção da unidade linguística se fez/faz tão evidente e também porque, ainda citando Bahba, provavelmente os armênios e descendentes platinos desenvolveram, juntamente como outras comunidades espalhadas pelo mundo, a convicção através da UGAB e Dashnags que todos os membros da diáspora deveriam estar comprometidos com a manutenção ou restauração, segurança e prosperidade da *terra natal original*. Ainda que essa terra seja um lugar mítico, de natureza “dúctil” ou mesmo “líquida”¹⁷, cujo retorno real não aconteça efetivamente.

¹³ Herimian. Op. Cit p.

¹⁴ Bahba, Homi. O local da cultura. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

¹⁵ Id.

¹⁶ Ibid.

Mencionamos, uma vez mais *Mairig* como contraponto das exigências do país signatário, no caso a França, de difícil absorção de uma cultura local, em relação à Argentina e outros países latinos, onde foi possível tanto a criação como manutenção massiva de escola de língua materna. Fatores esses que por um lado, permitiram uma latente dupla versão da existência, no caso platino propiciaram a continuidade de um isolamento, fator que provavelmente tenha contribuído para a pouca visibilidade desse fluxo migratório na região signatária. Em pesquisa iniciada, ainda não pudemos encontrar facilmente manifestações artísticas, literárias e culturais dessa diáspora, produzidas ou manifestas em língua espanhola ou, no caso do Brasil, em português brasileiro.

Os elementos acima nos permitem tecer alguns apontamentos sobre a memória cultural armênia envolvendo conceitos de nação e nacionalidade, para relacioná-los ao sentimento de pertencer à nação que será concebida aqui como espaço geográfico ou mítico para designar uma região de origem.

4. Memória cultural “armênia”

Sem dúvida a escola constituiu importante instrumento de veiculação de uma memória cultural, ainda que forjada, dessa diáspora platina. Destacamos mais um trecho de registro armênio em Buenos Aires onde membro da comunidade da época argumenta acerca da função:

“A Escola é um ambiente agradável no qual o exercício da língua que é falada em casa, cuja própria tradição oral torna natural participações em todas as manifestações da cultura armênia, (a escola oferece) um caminho uma possibilidade manter o que tem sido perdido pela imposição da violência e injustiça.”¹⁸ (tradução minha) –

Tratava-se em princípio de uma memória oral queurgia também de uma manutenção escrita porque esse grupo, em sua maioria ou totalmente, era alfabetizado. Oralmente todos, ainda que precariamente, tinham referência de mais de uma língua, tanto pela convivência no lado turco da região armênia, como pela necessidade de sobrevivência nas passagens intermediárias noutros países antes de chegar à América. Outro dado relevante é o orgulho que os armênios e sua grande diáspora conservam de sua escrita, devido à criação de um alfabeto próprio pelo monge Mesrop Mashtots e seus discípulos que aconteceu por volta do século IVd.C. no seio da igreja apostólica armênia. A Armênia foi oficialmente o primeiro Estado cristão do mundo e a formação

¹⁷, COHEN, Robin. Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal nos estudos da diáspora. Caderno CRH vol.21 n.54 Salvador, 2008.

¹⁸ Herimian. Op. cit.p.106

da identidade armênia da diáspora está intrinsecamente ligada ao cristianismo e ao alfabeto próprio como elementos de distinção dos outros povos. Com ainda maior intensidade o genocídio é o maior elo identitário de todos os grupos dessa diáspora, estando associado à partida forçada da terra natal em meio à violência e dor pela perda de parentes.¹⁹

Daí é compreensível porque as escolas armeno-platinas foram tão amplamente difundidas, existindo inicialmente, e outras até os dias atuais, dentro das dependências de igrejas, ou de construções que ainda iam se tornar igrejas, mas que a decisão da comunidade prevaleceu no sentido da urgência da manutenção da língua armênia enquanto fala e escrita.

Pelo exposto, a retenção dessa memória coletiva está diretamente relacionada às “circunstancias difíceis que envolviam suas partidas dos locais de origem e, conseqüentemente, sua aceitação limitada nos locais de reassentamento.”²⁰ Daí decorre que o sentimento de nacionalidade se tornou maleável, a partir de elementos marcantes como religião e escrita, mas que ao serem aplicados no contexto de chegada necessitaram de adaptações a esse “outro” tempo, na emergência “de um futuro intersticial, que emerge no entre meio entre as exigências do passado e as necessidades do presente.”²¹

E nesse contexto o sentimento de pertencer à nação de origem não necessariamente se traduz à volta da terra natal, mas atua também como resistência frente a outros cenários e tempos históricos neles embutidos²². Como mencionado, a própria formação da nação argentina contou com grupos imigrantes que tinham alta relutância em abandonar suas nacionalidades prévias, pois em princípio acreditavam que iriam constituir riqueza suficiente para voltar às terras de origem²³. O caso armênio, ainda que pouco diferente, uma vez que sua condição prévia era reconhecidamente a de refugiada, se manteve também, de alguma forma essa prática, integrante num imaginário coletivo que, embora fosse fixando residência e associações comunitárias no local de chegada, mantinham através delas intenso contato para uma eventual partida: à Armênia, já então República Soviética (hoje República da Armênia), local que não é

¹⁹ Pattie, Susan P. Longing and belonging: Issues of Homeland in Armenian Diaspora. PoLAR: vol.22 n.2, 1999

²⁰ Safran, William. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return. Diaspora 1, no. 1 (Spring 1991):

²¹ Bahba. Op. Cit.

²² Cohen. Op.cit.

²³ Beired, JLB., and Barbosa, CAS., orgs. *Política e identidade cultural na América Latina*[online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

efetivamente o espaço geográfico original desses grupos, ou ainda para outra região qualquer onde fosse possível garantir a sobrevivência.

O exposto nos conduz à compreensão de um sentimento móvel de nacionalidade, e nela uma reafirmação de identidade, que pudemos encontrar em escritores da diáspora:

“sou armênio. Já disse isso antes. (...) Mas como ficam cismando, digo-lhes logo, para que saibam. Sou armênio.”²⁴

E uma identidade que ultrapassa os conceitos intrínsecos à nação e nacionalidade:

“... a capacidade de um povo prosseguir além da nacionalidade. Pois, ser uma nação – um membro de uma nação moderna – é herdar território, orgulho por sua propriedade, e estar ligado a sonhos coletivos de quase impossíveis grandezas e selvageria, fertilidade e ódio. Ser um armênio significou que se foi obrigado pelas circunstâncias a passar por cima ou bem por baixo – ou, de qualquer modo, a ficar à margem – desses imperativos de nacionalidade, e dessa maneira ter sido livre, para tentar a luta de uma vida comum, e sonhar sonhos mais modestos, e tentar lidar com esses sonhos o melhor que se pôde.”²⁵

E outro recorte via Raquel Naveira: seu relato poético “de fora”, observante de uma peculiar nacionalidade dessa diáspora:

“Nacionalidade

Sou de Marden,
Turquia,
Se bem que Marden pertencia à Síria
Antes dos turcos,
Minha nacionalidade é armênia,
Confira no passaporte,
Não sei como nascido na Turquia
Sou armênio,
Filho de armênios, Gerado na
Síria, Ocupada por turcos. Armênio,
Sírio,
Turco, Sou daqui de Campo Grande,
Aqui tive prole,
Negócios,
Lucro.”²⁶

Desses relatos extraímos elementos para uma compreensão possível da “relação do sujeito (e grupos migrantes) com uma totalidade social irrepresentável” do país de chegada, implicando numa busca e afirmação de uma identidade cultural, sentimento de pertencimento a uma nação e como a nacionalidade poderá se forjar a partir daí.

5. Considerações finais

²⁴ Frase do escritor Willian Saroyan (1908-1981) EUA

²⁵ Arlen, Michael J. Passagem para o Ararat. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1978. p.88

²⁶ Naveira. Opt. cit. p.29

Poderíamos utilizar termo “subversão da autenticidade” para designar a formação da comunidade armênia, aqui especificamente tratada a de Buenos Aires. A recriação das associações religiosas, políticas e educacionais e a manutenção da fala e língua vão sofrendo desgaste em relação às praticas originais, requerendo adaptações no decorrer das gerações.

Se considerarmos a existência de uma gênese cultural armênia, ela será passível de crítica por parte dos armênios residentes da Armênia atual. Questões políticas locais por eles vivenciadas passaram em determinado momento a fazer oposição frontal aos interesses das diásporas no mundo. Um exemplo típico foi o da própria criação República Armênia Soviética em 1920 no bojo da formação da URSS, que na sua constituição expulsou o governo provisório anterior formado basicamente por filiados ao Dashnag e cuja influência política se fez sentir internacionalmente no decorrer do século XX, fora e em oposição àquela Republica Soviética.

No âmbito político mundial destacamos a atuação das diásporas em geral em relação ao reconhecimento do genocídio, cuja força da comunidade armeno-platina logrou êxito em parceria com o Dashnag, UGAB e governos locais. A imprensa armeno-platina, juntamente com a formação escolar foram elementos senão definitivos, importantes, para semear esse reconhecimento de Estado.

Os elementos ora apresentados buscaram compreender melhor a presença dessa comunidade, ou dessas comunidades, considerando a possibilidade de não serem tão homogêneas dentro de seu próprio ambiente diaspórico. Uma possível tradução desse(s) grupo(s), aqui propositalmente a hifenação híbrida “armeno-platinos” para reconhecer o pensamento de Bahba no sentido de enfatizar os elementos incomensuráveis – os pedaços teimosos – como a base das identificações culturais” – que flutuam no meio social de acolhida e dificultam integrações sociais mais completas.

Contudo julgamos certo anonimato artístico que vimos detectando nessa diáspora platina e sul-americana. Ao iniciarmos coleta de dados no Brasil e no Uruguai acerca da produção intelectual e artística dessa migração armênia, é dado relevante para a constatação deste e outros anonimatos que não nos permitiram reconhecê-los mais imediatamente no contexto social latino americano. A tentativa de observa-los e tentar descrevê-los em seu redesenho identitário vem partindo da comparação com mesmos grupos étnico-culturais que migraram para: a) América do Norte: EUA, Canadá; b) Europa (basicamente o Reino Unido e França), c) Líbano e Síria e d) Rússia. Verificamos que em maior ou menor grau, em todos os casos existe uma produção

artística e intelectual que se identifica como da diáspora armênia, em oposição a esses grupos da América do Sul onde ainda não tivemos contato mais próximo com materiais dessa natureza. No que diz respeito às profissões comerciais e liberais, até o momento é unânime e proeminente o número de indivíduos observados dentro de todos esses grupos.

Referências:

ARLEN, Michael J. *Passagem para o Ararat*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1978.

BAHBA, Homi K. *O local da Cultura*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BEIRED, JLB., and BARBOSA, CAS., orgs. *Política e identidade cultural na América Latina*[online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7983-121-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

COHEN, Robin. *Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal nos estudos da diáspora*. Caderno CRH vol.21 n.54 Salvador, 2008.

FURTADO, Celso. *A Economia Latino-Americana: formação histórica e problemas contemporâneos*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1978.

HERIMIAN, Kim. *Armenian Immigration to Argentina: 1909-1938*. *ARMENIAN REVIEW, SPRING 1990, Volume 43, Number 11169, pp. 85-113*

NAVEIRA, Raquel. *Sob os cedros do senhor*. Scortecci: São Paulo, 1994.

PATTIE, Susan P. *Longing and belonging: Issues of Homeland in Armenian Diaspora*. *PoLAR: vol.22 n.2, 1999 - pp. 80-92*

SAFRAN, William. *Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return*. *Diaspora 1, no. 1 (Spring 1991):*

VERNEUIL, Henri. *Mayrig*. Trad. Charles Apovian. Robert Lafont, S.A.:Paris, 1985.